

VIOLÊNCIA, GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO: uma análise dos Crimes Violentos Letais Intencionais na periferia da Terra Firme (Belém-PA)

Autor(01): Pedro Israel Mota Pinto

Filiação institucional: Universidade do Estado do Pará

E-mail: pedromota777@gmail.com

Autor(02): Willame de Oliveira Ribeiro

Filiação institucional: Universidade do Estado do Pará

E-mail: willame@uepa.br

RESUMO: O trabalho tem por objetivo geral analisar a relação entre gênero e violência e suas implicações na produção do espaço na periferia de Belém (PA). Seguindo a metodologia quanti-qualitativa, na análise dos dados obtidos da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, TopoData e Trabalhos de Campo pelo estudo do caso dos Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) no bairro da Terra Firme. Dessa forma, apresenta os resultados de que 90% dos CVLI são referentes ao sexo masculino, especializados conforme a separação de gêneros, através das suas funcionalidades previamente ordenadas; sobre a violência, 60% dos participantes da pesquisa declaram terem sido influenciados pelos seus gêneros; 80% pela infraestrutura precária. Portanto, faz-se urgente a transformação dos hábitos sociais violentos acerca dos papéis de gênero e das precariedades espaciais com o fito de interromper a mortalidade e dificuldades das e dos moradores do bairro da Terra Firme.

Palavras-chave: produção do espaço urbano; violência; sexualidade.

GT – 13: Produção e reprodução do espaço urbano – teoria e prática

INTRODUÇÃO

De acordo com os estudos de Sposito (2012) e Pinto & Oliveira (2021), faz-se necessária a análise das articulações acerca da complexa relação dos processos econômicos, políticos, sociais e culturais dos espaços urbanos, que se diferenciam socialmente pelas suas intersecções. A periferia da Terra Firme, localizada na metrópole de Belém do Pará, se integra a esse cenário, devido as suas marcas mediante o processo de urbanização, configurada de forma complexa, refletindo-se na divisão social e territorial do trabalho, deixando suas evidências nos índices de violência e relações de gênero e sexualidade no bairro.

Levando em consideração a realidade das periferias na Amazônia, o processo de periferização se deu conforme as mudanças de infraestruturas, financeiras e estética da cidade

de Belém, fazendo com que, segundo Ferreira (1995), a população de baixo poder aquisitivo se direcionasse para as bordas distantes de Belém, formando alguns dos atuais bairros periféricos (FERREIRA, 1995).

É nesse contexto que se pretende analisar a complexa questão da violência e das relações de gênero e sexualidade na produção do espaço da periferia de Belém. O objetivo geral da pesquisa se faz em analisar a relação entre gênero e violência e suas implicações na produção do espaço. Tendo como objetivos específicos: verificar a espacialização dos Crimes Violentos, Letais e Intencionais – CVLI no bairro da Terra Firme; compreender como a produção do espaço se dá sob a ótica de gênero e da sexualidade na Terra Firme; e entender como as práticas dos CVLI se apresentam em relação às questões de gêneros no bairro.

A periferia pode ser compreendida, como em Corrêa (1986), enquanto um espaço resultante das reproduções dos grupos sociais que a habitam, sendo esses grupos majoritariamente de poder aquisitivo baixo, negros, mães de família, de sexualidades outras e proletariados da metrópole, os quais tendem a adaptar-se, diante da ausência de alternativas, ao contexto periférico. Essa materialização constitui locais de reprodução de classes e frações de nichos sociais, traduzindo-se em consciência das desigualdades sócio-político-espaciais (CORRÊA, 1986; SOUZA, 2002; SOUZA, 2003).

A concepção de periferia não está associada ao grande distanciamento em relação ao centro da cidade ou do espaço metropolitano, mas à condição socioespacial de precariedade que assinala muitos espaços, na maior parte dos casos, distanciados da área central, mas não necessariamente. Para Chaveiro e Anjos (2007, p.183), “a periferia possui um cotidiano específico, bem como uma modalidade de tempo social que define a vida dos sujeitos. Poder-se-ia dizer que é um lugar específico de dramas sociais, de problemas e vicissitudes humanas”. Isto é, compreender a complexidade da periferia, exige ir além dos dados quantitativos, e necessariamente analisar as camadas interseccionadas dentro desse conjunto.

Essa conceituação é aplicável à periferia da Terra Firme, figura 1, bairro *locus* da pesquisa, configurada pela população que foi “empurrada” do centro de Belém para espaços distantes, para que a cidade pudesse seguir esteticamente arrumada e financeiramente padronizada, segundo Ferreira (1995). Nesse sentido, o bairro contém uma série de variáveis que solidificam sua identidade e também alimentam o estereótipo de bairro periférico. A violência, o gênero e a criminalidade estão entre essas variáveis.

Freitas (2013), o método dialético, trabalha na interpretação da realidade, partindo assim do pressuposto de que todos os fenômenos apresentam de forma contraditória, características unidas e indissolúveis de forma sistemática. Nesse sentido, essa então “Ação Recíproca”, destacado por Lakatos e Marconi (2007), entende a sociedade como um conjunto de processos, que terminam e se iniciam, que dependem um do outro para a manutenção das relações desse convívio mútuo dos processos interligados.

Visando coletar, produzir e analisar dados e acontecimentos ocorrentes no bairro da Terra Firme, essa pesquisa se configura como um estudo de caso, de caráter qualitativo e quantitativo, considerando a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, e traduzindo em números, opiniões e informações para classifica-las e analisa-las (PREDANOV & FREITAS, 2013).

Tendo como grupo específico os moradores da Terra Firme, dentro da realidade da produção do espaço através dos papéis de gênero e das dinâmicas sociais e espaciais dos CVLI, essa análise empírica perpassa pela severidade, objetivação, originalidade e coerência, exigidos para a realização desse método (PREDANOV & FREITAS, 2013).

Na busca de alcançar os resultados dessa análise, foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos:

- 1) Levantamento bibliográfico – voltado ao aprofundamento teórico nos principais conceitos e discussões estruturantes da pesquisa, como produção do espaço urbano, violência, gênero e sexualidade e periferia urbana.
- 2) Levantamento documental – desenvolvido em três frentes distintas: a) referente à utilização de documentos e textos que contribuíssem ao entendimento da formação e condição da periferia da Terra Firme, no contexto da metrópole de Belém; b) voltado à caracterização socioeconômica do bairro da Terra Firme, tomando por base principalmente dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; c) condizente com levantamento dos dados de homicídios no bairro da Terra Firme, de 2014 a 2018, e sua distribuição por gênero, junto à Secretaria de Inteligência e Análise Criminal – SIAC, integrante da estrutura da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Pará – SEGUP/PA.

- 3) Trabalhos de campo – realizados na periferia da Terra Firme com vistas à obtenção de informações necessárias às representações cartográficas, ao levantamento fotográfico e ao contato com sujeitos da pesquisa.
- 4) Entrevistas semiestruturadas – constituídas por questões de múltipla escolha e abertas ao entendimento e compreensão dos e das entrevistadas, fazendo um recorte de público alvo, os e as moradoras do bairro da Terra Firme, focalizando nas idades que passaram os anos de 2014-2018, com as mesmas idades das vítimas dos índices mais elevados dos CVLI nesse período. Foram assim entrevistados 20 moradores do bairro, sendo 10 do gênero masculino e 10 do gênero feminino, sendo suas localizações passando pelos quatro aglomerados classificados pelo IBGE (2010). Feitas de forma virtual, construídas através da plataforma Google Forms, para facilitar a quantidade elencada para essa pesquisa e também evitar o contato físico mediante a pandemia da COVID-19. Sendo estes participantes escolhidos, dentro dos parâmetros de serem moradores do bairro, 10 homens e 10 mulheres, entre 18 e 33 anos. E um Participante X, identificado assim pela sua integração direta com o mundo da violência na Terra Firme atualmente.
- 5) Representações cartográficas – tomando por base os dados obtidos pelos órgãos citados acima, fora possível a produção das cartografias que representassem os resultados encontrados nas tabelas proporcionadas pelas instituições e também dos dados colhidos das entrevistas e trabalhos de campo. O Software utilizado se pesquisa se fez pelo Quantum Gis, nas versões (2.8; 3.18 wien).

GÊNERO E SEXUALIDADES NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Convém analisar como os corpos no espaço estão constantemente em construção e produção. Levando em consideração os pensamentos de Butler (2001) e os estudos de Gênero e das Sexualidades na Geografia (SILVA, 2011) (NUNES, 2019). Em síntese, entendemos o corpo sendo histórico, produto de uma construção social, que apresenta marcas no espaço e no tempo. Em outras palavras, os corpos não são neutros, estão influenciados por marcadores como gênero, raça, etnia e geração (SILVA, 2011). Isto é, o corpo é constituído em um discurso normatizante, como aponta também Nunes (2019), expondo as construções sociais que levaram

os corpos, as performances de identidade de sexo e de gênero a criarem padrões para permanecerem na condição aceitável ou transgressora do seu grupo.

Bondi (1992) entende o espaço construído a partir das reflexões dos estereótipos dos lugares de feminilidade e masculinidades, e que nessa perspectiva, a visão masculina se sobressaiu na produção do espaço urbano. Seguindo a linha de raciocínio da autora, ainda se compreende a separação entre mulheres e homens no espaço, mediante a designação de suas funções, sendo assim refletida na paisagem urbana, e, no recorte da pesquisa, nos índices estatísticos e na espacialização da violência.

Gomes & Silva (2016) compreendem que a criminalidade e a violência encontram na masculinidade uma chave de compreensão eficaz. Mais além, o uso de drogas (e suas ramificações) estão vinculadas em uma trama de acordos masculinos, agenciamentos organizados por triangulações de grupos heterossexuais coesos e contínuos. Formalizando laços entre o ser masculino e a sua relação com a criminalidade, e conseqüentemente a violência. Relações essas analisadas através das falas das entrevistas feitas com vinte moradores do bairro da Terra Firme, que corroboraram com essa realidade de afunilamento da violência através das relações de heteronormatividades violentas.

Além disso, os autores complementam que a inter-relação entre performances de masculinidades violentas, redes de amizade local e a territorialidade do tráfico de drogas, posicionam o grupo em questão como vulneráveis a morrer assassinado. Dessa forma, se tem por característica predominante, mulheres chefes de família (sua relação com a pobreza tem aumentado nos últimos anos) cujos domicílios estão localizados em áreas irregulares e de baixa qualidade de serviços e infraestrutura, que possuem crianças menores de quatorze anos sob sua tutela, renda inferior a dois salários mínimos e baixa escolaridade, ou seja, com até o ensino fundamental completo (SILVA, 2007). Trazendo a complexidade do padrão geral de vivência da mulher nesse espaço periférico.

Silva (2007), em consonância com Ornat (2005), apontam que as mulheres de baixa renda, em geral, possuem uma vivência reduzida do espaço total da cidade, desenvolvem deslocamentos menos extensos e frequentes do que os estabelecidos pelos homens dos mesmos locais. Essa configuração então, do ator social e o espaço, tendo como fator o gênero, reflete

nos resultados dos dados de violência e criminalidade e na forma como se dispõe o espaço periférico dentro dessa normatização.

VIOLÊNCIA, DIFERENCIAÇÃO DE GÊNEROS E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Crime Violento Letal Intencional (CVLI) se define por todo crime violento que tenha como consequência a morte (SILVA, 2015). Segundo a autora, se encaixam nesse contexto: o homicídio doloso (quando uma pessoa mata outra intencionalmente), lesão corporal seguida de morte e latrocínio (roubo seguido de morte). Ainda de acordo com Silva (2015), a morfologia desse tipo de crime é complexa, muitas vezes requer esforços que envolvam um conjunto maior de ações e de pessoas para sua mitigação. Nesta pesquisa, procuraremos analisá-los segundo a sua espacialidade e contexto dentro da periferia urbana.

Para tanto, compreendemos que não há um fator ou fatores específicos determinantes para o acontecimento do crime, podendo assim ser um conjunto de causas com diferentes níveis de influência, que podem variar de acordo com a região e/ou com o período analisado, sua atuação enquanto gênero no espaço. Até mesmo fatores de caráter individual, como educação familiar, hábitos, comportamentos, formação e valores adquiridos ao longo da vida, podem também exercer influência na prática delituosa (SILVA, 2015).

Por isso, em consonância com Silva (2015), o fenômeno da criminalidade, nesse caso o CVLI, não é simplesmente uma patologia individual ou uma condição social inevitável, o modo de como e onde os recursos são implantados pode mudar essa realidade. Nesse sentido, colocaremos a periferia como o espaço analisado, buscando entender quais são os elementos que a compõem e como são implementados, se consideram dirimir ou não as questões de violência e a perspectiva de pôr o gênero como um fator importante do direito ao espaço periférico.

Desse modo, neste trabalho, busca-se efetivar uma leitura para além das amarras conceituais hegemônicas, compreendendo as experiências, performances e materializações do gênero e das sexualidades enquanto fatores essenciais na modelação do espaço geográfico (SILVA, 2010). Não negando as teorias existentes, mas as aprimorando conforme uma realidade outra, exposta pelos grupos negligenciados que também fazem parte da tríade de violência-periferia-(in)justiça espacial.

Existe assim uma preocupação com os fatores que corroboram com a construção das sexualidades e suas consequências pessoais e sociais, para que os resultados ratifiquem ou não a importância existencial dos grupos em questão. Estes geralmente estão ausentes dos temas considerados importantes para a geografia científica, como apontado incisivamente por Silva (2003, 2009, 2010). E assim como a autora, considera-se que além de merecerem a atenção dada, provocam também questionamentos sobre a metodologia hegemônica na Geografia, visto que colocam em questão os instrumentos utilizados para responder aos questionamentos sobre a realidade socioespacial complexa e não evidente materialmente no campo em análise, a periferia.

Nessa perspectiva, Gomes e Silva (2016) compreendem como a criminalidade e a violência encontram na masculinidade uma chave de compreensão eficaz, ou seja, se fortificam na construção, por exemplo, da masculinidade rígida, que se atrai pelo que é marginal e perigoso. Mais além, o uso de drogas (e suas ramificações) estão vinculadas em uma trama de acordos masculinos, agenciamentos organizados por triangulações de grupos heterossexuais coesos e contínuos. Ou seja, formalizando laços entre o ser masculino e a sua relação com a criminalidade e, conseqüentemente, com a violência.

Assim sendo, de acordo com participantes das entrevistas, 60% declaram que SIM, ser homem ou ser mulher, influenciaram nas suas escolhas na adolescência/juventude, em relação ao mundo da violência e 80% pela infraestrutura precária:

“Convivência direta, a final o bairro não é muito grande Muitos se conhecem daí vem a camaradagem de “usai aí”, “vamos ali”, “dá apoio aqui””
(Participante 8 – Gênero Masculino)

“Acho que uma das principais coisas que me marcou foi uma vez que eu estava andando de bicicleta (devia ter uns 13 anos), e um grupo de garotos estavam tendo uma conversa sobre fugir da polícia. Meio que eles estavam discutindo um lugar o qual a polícia não ia estar, no dia que eles estariam fazendo seja lá o que fosse. Eu, muito assustada saí de lá e entrei em casa.” (Participante 3 – Gênero Feminino)

Além disso, os autores complementam que a inter-relação entre performances de masculinidades violentas, redes de amizade local e territorialidade do tráfico de drogas posicionam o grupo em questão como vulneráveis ao homicídio. Segundo os estudos de Silva (2007), baseada em outros autores que também trabalham o tema, inversamente, sobre a feminilidade, há muito tempo o modo de concepção de cidade aprisiona as mulheres em

determinados lugares ao separar as áreas comerciais, industriais e residenciais, acentuando a divisão do trabalho entre os sexos.

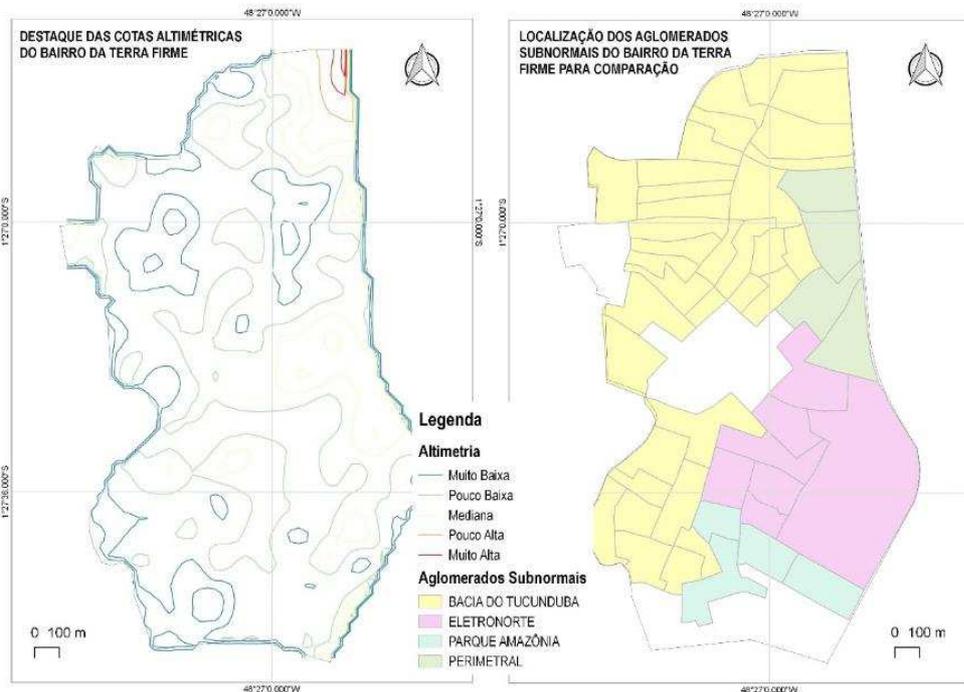
Isso também se reflete no comportamento dos dados em relação à criminalidade e ao homicídio, trazendo de forma significativa a presença do sexo masculino em detrimento do feminino. De acordo com a análise dos dados produzidos, afirma-se a dedicação em sobrepor as camadas encontradas não somente fragmentando, mas interseccionando suas particularidades.

DADOS DE CVLI E SUA RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO, GÊNERO E SEXUALIDADES

Segundo De Oliveira Ribeiro (2018), a cidade de Belém esta inserida no quadro de complexidade através da “densidade e espraiamento dos sistemas de objetos e na intensidade e multidirecionalidade dos fluxos” (p. 133). No que tange ao seu processo urbanístico, a cidade perpassou pelo processo de gentrificação, valorizando espaços em detrimento de outros, fomentando assim a segregação espacial e social através da divisão entre as classes, advindas pelo embelezamento dos grandes centros, desencadeando a formação de periferias populosas e precárias, promovendo a infraestrutura tardia e com lacunas na falta de instrumentos básicos urbanos (FERREIA, 1995). Isto é, a metrópole contém diversos desafios que se colocam a disposição das compreensões e resoluções. Após perpassar pelo processo de embelezamento socioeconômico, Belém contrapõe sua beleza paisagística com os índices de violência acarretas pelos sistemas de objetos e fluxos de variáveis ligadas ao crime que corroboram com dinamicidade do debate sobre violência e gênero nesse espaço.

Destacando-se as áreas de aglomerados subnormais e a identificação das cotas altimétricas da cidade, figura 2, são importantes para a compreensão da relação entre a diferenciação de gênero e sexualidade, produção do espaço e violência no bairro. Visto que essas características serão essenciais para o reconhecimento das diferenciações dos dados encontrados acerca do espaço e da violência no bairro. Para a pesquisa, se utiliza a conceituação de aglomerados, que se configuram como formas de ocupação irregular de terrenos públicos ou privados para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação (IBGE, 2019).

Figura 2 – Terra Firme. Comparação entre as Cotas Altimétricas e os espaços de Aglomerados Subnormais.



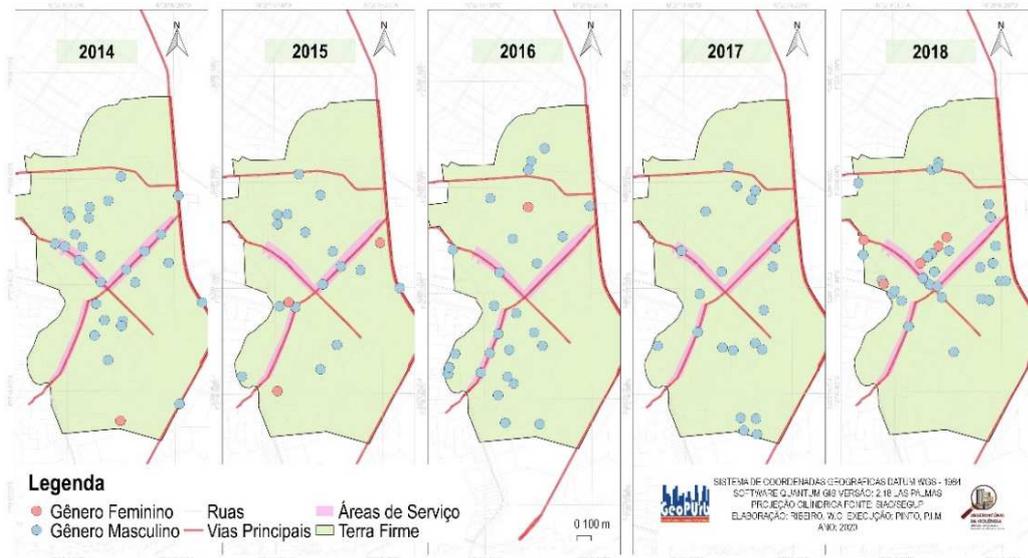
Fonte: IBGE (2010); Topodata (2021). Elaboração Própria (2021).

Nestes espaços, observa-se a ausência de equidade no acesso a bens e serviços urbanos proporcionados pela metrópole. A acessibilidade às redes de infraestrutura e aos serviços urbanos é desigual na comparação entre os aglomerados da Terra Firme. Isto é, a justiça espacial, considerando a acessibilidade à infraestrutura, equipamentos urbanos e os serviços essenciais, não é garantida para as áreas mais afastadas das zonas de relevo elevado, do centro ou de instituições públicas, revelando uma ação técnica e estrutural de naturalização das desigualdades sociais e, assim, de negação real do direito à cidade para essa população, visto que as condições de vida destes indivíduos são desiguais espacialmente, implicando em suas realidades sociais e econômicas.

Observa-se assim, na Figura 3, a espacialidade dos homicídios por sexo na periferia, analisando conforme a Figura 2, salientando a intensidade de homicídios com vítimas do sexo masculino nas áreas de serviço do bairro da Terra Firme, com destaque às vias principais e seus entornos, isto é, as áreas então mais elevadas do bairro de acordo com a figura 2. Enquanto as vítimas de homicídios do sexo feminino, além de em número muito reduzido em relação ao sexo masculino, estão, em geral, localizadas em espaços de moradia, colocadas como áreas de

baixadas (FERREIRA, 1995). Essa espacialização corrobora com o entendimento de que as áreas condicionadas aos sexos são produzidas e influenciadas através do papel de gênero, já discutido nesse trabalho.

Figura 3 – Terra Firme. Homicídios diferenciados pelos gêneros Masculino e Feminino.



Fonte: SIAC/SEGUP (2020). Elaboração Própria (2021).

Reafirmando o que já foi indicado, a Figura 3 expõe não somente a localização dos homicídios em áreas condicionadas às respectivas sexualidades, mas, além disso, permite observar cartograficamente o quantitativo dos homicídios, como no ano de 2017, quando nem mesmo se identificou homicídio com vítima do sexo feminino. Infere-se que as relações sociais de gênero podem ser maléficas quando se envolve a criminalidade e a violência com o cultivo do ser masculino, majoritariamente jovem/adulto, como uma constituição da juventude.

Esses resultados induzem a novas análises, como a que contemple os dados de criminalidade dos anos seguintes no bairro da Terra Firme, visto que, após 2018, surgiram novos fatores nessa realidade, como o fortalecimento de alguns movimentos sociais e a sua maior inserção na mídia, com a promoção de discussões acerca de gênero e raça, debates sobre o crime e a violência e outros projetos sociais que buscam a melhoria dessa periferia, como o Projeto TerPaz (2019). Ademais, a finalização da macrodrenagem da bacia do Tucunduba, que modificou a espacialidade de boa parte da Terra Firme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a produção do espaço através dos índices de violência e questões de gêneros e sexualidades se faz pertinente pela escassez dessa leitura para o espaço periférico. Cujo perpassa pelas mazelas da introdução precária do estado no desenvolvimento urbano dessas áreas, acarretando na facilidade da proliferação da violência, tendo como um dos fatores chave desse processo, as relações violentas entre as sexualidades estudadas. Sendo o tema justificado pela ausência de teorias que contribuam com a diminuição específica desses pontos. Se utilizando da metodologia quanti-quali, do estudo de caso da Terra Firme, podemos compreender a espacialidade e as inquietações dos moradores acerca desse tema.

Atingindo assim os objetivos geral e específicos nos resultados encontrados, na constatação de que a relação entre gênero e violência implicam na produção do espaço, tanto na disposição das sexualidades na perspectiva funcional dos indivíduos no espaço, quando na cartográfica dos CVLI no bairro, sendo respectivamente encontrados o sexo feminino em espaços de moradia e o sexo masculino em espaços de comércio. Além disso, o entendimento das práticas dos CVLI que se apresentam em relação às questões de gêneros conforme as marginalidades construídas entre o gênero masculino, através da reafirmação das suas sexualidades, observadas nas entrevistas.

A hipótese levantada acerca do movimento que as questões de gênero e sexualidades induzem também a elevação da violência, reproduzindo um espaço marginal. Entretanto, os instrumentos de coleta de dados permitiram o entendimento de que não é a periferia, ou somente na periferia, que esse processo ocorre. Para a pesquisa, é onde tivemos o acesso dos dados de CVLI e a dedicação em sanar as problemáticas sociais ocorridas nesse espaço. Ademais, que não somente as relações marginais, mas também a falta de infraestrutura adequada para moradia e habitação no bairro são implicações no processo de violência e criminalidade que se instala em espaços propícios a isso, condicionando-as.

REFERÊNCIAS

BONDI, L. Gender symbols and urban landscapes. **Progress in Human Geography**. London, 16,2 (1992) Edward Arnold: 1992.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAVEIRO, E. F.; ANJOS, A. F. dos. A periferia urbana em questão: um estudo socioespacial de sua formação. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 27, n. 2. Goiânia: UFG, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3371/337127147009.pdf>. Acesso em: 11/06/2020.

CORRÊA, R. L. A Periferia Urbana. **Geosul**, n. 2, 1986. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12551/11859>. Acesso em: 12 out. 2020.

FERREIRA, C. F. **Produção do espaço urbano e degradação ambiental**: um estudo sobre a várzea do igarapé do Tucunduba (Belém – PA). 176p. Dissertação (Mestrado em Geografia Física), São Paulo: FFLCH/USP, 1995.

FERREIRA, I. C. B; PENNA, N. A. Território da violência: um olhar geográfico sobre a violência urbana. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, nº 18, pp. 155 - 168, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/73979>. Acesso em: 02 set. 2020.

GOMES, F. B.; SILVA, J. M. Espacialidade de uso de droga de jovens do sexo masculino e os afetos da “quebrada”. In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes. **Os jovens e suas espacialidades** (orgs.). Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. " **Educação | Educa | Jovens. 2020.** Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>. Acesso em: 20/12/2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Aglomerados Subnormais**. 2019. Disponível em: ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e. Acesso em: 19 fev. 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, J. S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus. 1997.

NASCIMENTO, R. P. B. **Geografia, violência e território**: uma análise sobre a territorialidade em volta dos homicídios no bairro da Terra Firme, Belém-PA nos anos de 2013 a 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade do Estado do Pará, Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Belém, 2019.

NUNES, D. M.. **A produção das masculinidades e socioespacialidades de homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo Tinder em Rio Grande-RS**. 185p. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Rio Grande/RS, 2019. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/xmlui/handle/1/8653>. Acesso em: 20/10/2020.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **World report on violence and health: summary.** Geneva, World Health Organization, 2002. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_joomlabook&view=topic&id=489#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde,psicol%C3%B3gico%2C%20defici%C3%A7%C3%A3o%20de%20desenvolvimento%20ou Acesso em: 14 nov. 2020.

ORNAT, M. J. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, 2 (2): 309-322, jul. /Dez., 2008.

PEREIRA, M.; RAMALHETE, F. Planejamento e conflitos territoriais: uma leitura na ótica da (in)justiça espacial. **Revista Portuguesa de Geografia. FINISTERRA. Vol. 52, n.º 104, 2017.** Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/6972>. Acesso em: 10 set. 2020.

PINTO, P. I. M.; DE OLIVEIRA RIBEIRO, W. DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL, VIOLÊNCIA E (IN) JUSTIÇA ESPACIAL NA PERIFERIA URBANA DA TERRA FIRME, BELÉM/PA. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 38, n. 3, 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SEGUP. Secretaria de Estado Segurança Pública e Defesa Social. **Dados de Crime Violento Letal Intencional.** 2019.

SILVA, J. M. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional** 8(1): 31-45, Verão 2003. Disponível em: https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/revista_historia_regional7.pdf. Acesso em: 10/01/2020.

_____. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**, v.22, n.44, 2007.

_____. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. **Espaço e Cultura (UERJ)**, v. 27, p. 39-55, 2010.

_____. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, T. P. Análise espacial e avaliação de vulnerabilidade socioeconômica para os Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) no Estado de Pernambuco. **Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá**, v. 7, n. 2, p. 60-77, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49312>. Acesso em: 26 ago. 2020.

SOJA, E. W. **En busca de la justicia espacial.** Valencia: Tirant Humanidades, 2014.

SOUZA, M. L. **ABC do desenvolvimento urbano.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUZA, M. L. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SOUZA, M. L. de. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais”. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2012.

TERPAZ. Territórios Pela Paz. Governo do Pará apresenta programa TerPaz à Prefeitura de Belém. Disponível em: <http://terpaz.pa.gov.br/noticias/governo-do-par%C3%A1-apresentaprograma-terpaz-%C3%A0-prefeitura-de-bel%C3%A9m>
acessado em: 24/03/2021

TOPODATA. **Banco de Dados Geomorfométricos do Brasil**. Disponível em: <http://www.dsr.inpe.br/topodata/acesso.php>. Acesso em: 02 fev. 2021.

DE OLIVEIRA RIBEIRO, W. Dispersão metropolitana e novas formas urbano-regionais: uma proposta para o reconhecimento e a delimitação da cidade-região de Belém. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 132–154, 2018. DOI: 10.5216/ag.v12i1.43695. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/43695>. Acesso em: 5 abr. 2022.